

Mundo Fragmentado

A (Re)emergência de conflitos regionais

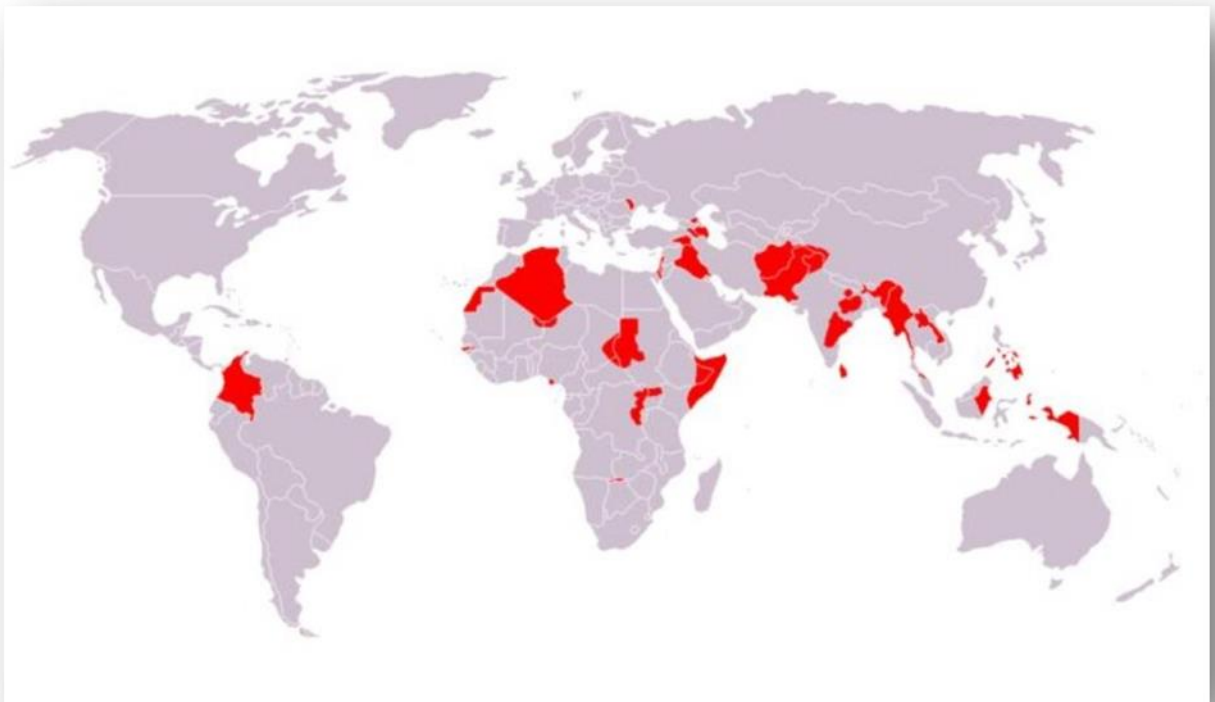


Figura 1 - Conflitos regionais

Março de 2022

Carolina Pereira

Catarina Carneiro

12J

Índice

Introdução	1
Os Fundamentalismos	2
Conflito entre Israel e Palestina	2
Guerra Civil na Argélia	3
Ataque às Torres Gémeas	5
Conflito no Afeganistão	7
Os Nacionalismos	7
Nacionalismo de direita	8
Nacionalismo de esquerda	8
Nacionalismo de Donald Trump e dos EUA	9
Conflitos na Imigração	10
EUA e Rússia	11
EUA e Coreia do Norte	12
As Guerras da Água	13
Tensão entre o Egito e Etiópia	15
Tensão entre Índia e Paquistão	17
Guerra Civil na Síria	18
Conflito China, Índia e Bangladesh – Rio Brahmaputra	19
Conflito Índia e Bangladesh - Rio Ganges	19
Escassez de Água	20
Conclusão	23

Introdução

O fim da Guerra Fria gerou muitas expectativas sobre o início de uma nova era de ordem e estabilidade nos assuntos mundiais. Mas, tem-se caracterizado por instabilidade e violência o mundo em desenvolvimento. Assim, o fim da Guerra Fria conduziu à (re)emergência de conflitos regionais, o tema do nosso trabalho.

Atualmente existem vários conflitos regionais que assolam o mundo, como os conflitos fundamentalistas, nacionalistas e associados à partilha e gestão de água.

Este trabalho tem como objetivos reconhecer a importância da segurança mundial na atualidade, debater algumas situações que podem afetar a segurança mundial e alguns fatores que levam a tensões e conflitos regionais.

Os Fundamentalismos

O fundamentalismo afeta todas as religiões e reflete-se em várias manifestações fundamentalistas. A evolução do fundamentalismo é uma realidade em muitas regiões do mundo, como no Israel e Palestina, na Argélia, nos Estados Unidos e no Afeganistão, que pode ser realizado por grupos extremistas ou pelo próprio Estado do país em questão. Isto põe em causa a instabilidade do país e a insegurança da população.

Quando se dá o fim da tensão ou conflito percebe-se que existe um número alto de feridos e mortes.

Conflito entre Israel e Palestina

O conflito entre o Israel e a Palestina localiza-se no Oriente Médio, surgiu por volta do ano de 1947 e iniciou-se com o facto da ONU ter aprovado a divisão da Palestina em um Estado judeu e outro árabe. Um ano depois, Israel é proclamado país e isto fez com que os palestinos tenham ficado sem Estado.



Figura 2 – Evolução dos territórios no conflito

Durante o século XX e XXI, na Palestina, com as eleições, colocaram o grupo Hamas, um grupo fundamentalista islâmico, no poder, que tentou uma

reconciliação entre os palestinos e os israelenses. Houve uma série de conflitos como:

- A primeira Guerra Árabe-israelenses, onde se envolveram o Egito, o Iraque, a Jordânia e a Síria que declararam guerra a Israel;

- A Guerra Suez, dá-se a invasão israelense da Península do Sinai e Israel é obrigado a retroceder as fronteiras de independência;

- A Guerra dos Seis Dias, Israel conseguiu derrotar o Egito, a Síria, a Jordânia e o Iraque, conseguindo assim ampliar o seu território;

- A Guerra do Yom Kuiper, acontece o ataque surpresa pelo Egito e Síria a Israel, e apoio posterior do Iraque e Jordânia. Israel consegue derrotá-los e conserva em seu poder os territórios já ocupados.

Israel e a Palestina fizeram acordos de paz, tendo-se iniciado assim a desocupação por parte de Israel da Faixa de Gaza e de partes da Cisjordânia. Apesar destes acordos continuam a ser uma região muito instável, pois pode haver possibilidade de o Hamas voltar.

Este conflito nunca esteve completamente apagado, pois em abril e maio de 2021, reacendeu-se devido ao facto de algumas famílias palestinas terem sido despejadas de um bairro em Jerusalém, com o uso da força da polícia de Israel.

Guerra Civil na Argélia

Este conflito, de origem islâmica, localiza-se no norte de África e iniciou-se em 1991 através de um conflito armado entre o governo argelino e vários grupos islâmicos. Durando mais de dez anos.



Figura 3 – Localização geográfica da Argélia

Quando a Frente Islâmica de Salvação ganhou popularidade, à Frente de Libertação Nacional decidiu cancelar as eleições, e após isto começou uma guerra de guerrilha contra o governo e os seus partidários, liderada pelo Movimento Islâmico Armado e o Grupo Islâmico Armado.

Três anos mais tarde, quando tudo parecia mais calmo, aconteceram as eleições.

Logo depois, as negociações foram interrompidas, e as eleições, realizadas, as primeiras desde o golpe de 1992, na qual o candidato do exército saiu vitorioso, o general Liamine Zéroual. Intensificou-se o conflito entre a GIA e o AIS. Durante os anos seguintes, o GIA realizou uma série de massacres que foram destinados a bairros ou cidades inteiras. Algumas evidências sugerem também a participação de forças do governo nesses eventos (ou pelo menos a omissão de ajudar de sua parte). As mortes atingiram o pico em 1997, em uma data próxima às eleições parlamentares, que obteve vitória um novo partido pró-Exército, a União Nacional Democrática (RND). A AIS, atacada por ambos os flancos, optou por declarar cessar-fogo unilateral ao governo em 1997, enquanto a GIA foi dividida em vários grupos por causa de objeções internas a massacres. Em 1999, após a eleição do novo presidente, Abdelaziz Bouteflika, uma nova lei declarou anistia aos guerrilheiros, motivando um grande número de "arrepentimentos" (que levou esse nome) de muitos combatentes e seu retorno a sua antiga vida. A AIS, atacada por ambos os flancos, optou por declarar cessar-fogo unilateral ao governo em 1997, enquanto a GIA foi dividida em vários grupos por causa de objeções internas a massacres. Em 1999, após a eleição do novo presidente, Abdelaziz Bouteflika, uma nova lei declarou anistia aos

guerrilheiros, motivando um grande número de "arrepentimentos" (que levou esse nome) de muitos combatentes e seu retorno a sua antiga vida. A violência diminuiu substancialmente, com uma vitória do governo. Os remanescentes do GIA foram perseguidos e presos no curso dos próximos dois anos, e em 2002 tinha quase desaparecido.

Em 2000, esta guerra acalmou após um período de amnistia que foi oferecido pelo governo argelino. Mas em 2002, surgiu um grupo que pretendia dissociar os massacres, acaba por mostrar apoio ao grupo extremista Al-Qaeda.

Ainda havia alguns membros que continuavam numa insurgência contra o governo.

Atualmente, na Argélia, a violência ainda não terminou, existindo ainda conflitos de baixa intensidade em algumas áreas.

Ataque às Torres Gêmeas

Após a Guerra de Golfo, em 1991, com a presença das tropas norte-americanas na Península Arábica, o grupo começou com uma campanha contra os Estados Unidos, o que deu origem ao atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas.

Na torre sul, o avião com 76 passageiros – incluindo cinco terroristas – e 11 tripulantes atinge e destrói rotas de fuga do 99º andar ao 93º andar. Os americanos e funcionários do WTC que estavam acima do 93º andar não tinham como sair do edifício. Imagens chocantes de pessoas pulando do alto dos prédios marcaram a cobertura da imprensa na época.

O Boeing 767 que é levado pelos terroristas à torre norte pode comportar até 200 passageiros. Naquela manhã, o voo havia saído de Boston com destino à Los Angeles.

No ataque à torre sul, um outro avião atinge e destrói do 85º andar ao 78º. Apesar do estrago, uma das escadas de emergência ficou operante e permitiu

que as pessoas dos andares mais altos pudessem descer enquanto os Bombeiros entravam no local.

Apesar de ter sido atingida por último, a torre sul é a primeira a desabar, às 9h59, no horário local. A torre norte vem abaixo às 10h28.

Atualmente, no local onde as torres existiram, há um memorial sobre as vítimas e um museu.

O grupo extremista, Al-Qaeda, que se localiza no Paquistão, no Médio Oriente, foi o responsável por este ataque. O grupo tem como principal função o terrorismo que se encontra espalhado pelo mundo, que quando atacam recorrem à violência. Na altura o Talibãs detinha controle sob o Afeganistão e tinha alianças com grupos terroristas como a Al-Qaeda.

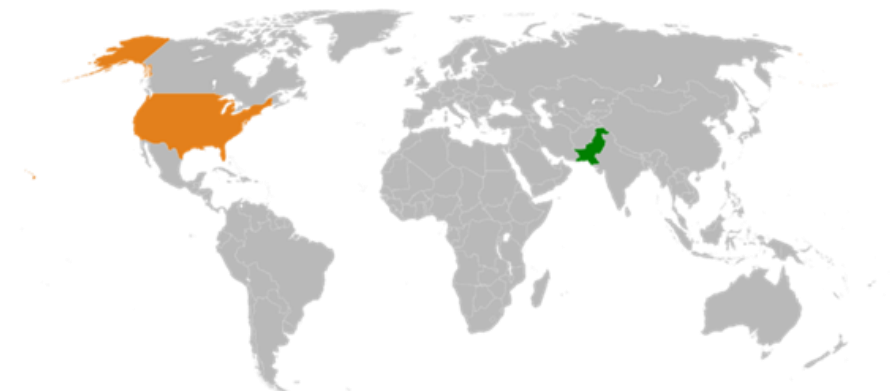


Figura 4 - Localização geográfica Estados Unidos e Afeganistão

Este acontecimento fez com morressem cerca de três mil mortos. Um mês após o ataque, os Estados Unidos, no Afeganistão, se apoiassem na Aliança do Norte, uma organização político-militar que pretende combater o regime Talibãs, e tentavam capturar o líder do grupo extremista, Osama Bin Laden, pois o governo Talibãs recusava-se a entregá-lo à justiça. Em 2011 conseguiram capturá-lo. Os americanos para além de quererem apanhar o responsável também queriam derrubar o Talibãs e destruir a Al-Qaeda. Ao fim de vinte anos, em agosto de 2021, os soldados americanos foram retirados do país, mas antes de concluírem a retirada completa, alguns soldados ficam lá para tentar ajudar o máximo de pessoas a sair do país, pois com a saída dos norte-americanos, a guerra chegou ao fim e o Talibãs conseguiram recuperar o poder do Afeganistão.

Uma forma de nacionalismo apoiada na igualdade social, na soberania popular e na autodeterminação nacional. Ao contrário do nacionalismo de direita, este favorece uma plataforma racialista, não desfavorecendo as minorias.

Conflito no Afeganistão

Enquanto os Estados Unidos tentavam capturar o responsável pelos ataques aos Estados Unidos, desenrola-se um conflito entre o grupo Talibãs, um movimento fundamentalista islâmico que governou o país entre 1996 e 2001, e a Aliança do Norte. O conflito neste país não nasceu nesta altura pois já dura há alguns anos, onde é perceptível uma instabilidade política e governativa.

Após isto, os Estados Unidos mantiveram as suas tropas no Afeganistão que atuavam como forças de segurança.

Ao fim de vinte anos, em agosto de 2021, os soldados americanos foram retirados do país, mas antes de concluírem a retirada completa, alguns soldados ficam lá para tentar ajudar o máximo de pessoas a sair do país, pois com a saída dos norte-americanos, a guerra chegou ao fim e o Talibãs conseguiram recuperar o poder do Afeganistão, tendo o país voltado a ter regras, cujo estas eram usadas à vinte anos atrás, e as mulheres com estas regras iriam viver num mundo que para elas já não é normal à bastantes anos.



Figura 5 - Conflito no Afeganistão

Os Nacionalismos

Nacionalismo de direita

O nacionalismo de direita defende a exaltação da nacionalidade e os seus aspetos culturais e históricos, resulta numa ideia de superioridade em relação a outras culturas, chegando mesmo a comportamentos de preconceito e xenofobia. Afirmam ser necessário a mobilização da sociedade sobre um Estado totalitário de partido único, comandado por um líder forte.

Rejeitam também a globalização e a cooperação económica entre nações defendendo assim uma economia mista e protecionista, visando a autossuficiência do país.

A sua ideologia tem caráter ultraconservador e extremista, utilizando muitas vezes a violência como forma de poder. Este tipo de nacionalismo associa-se ao fascismo, regime autoritário imposto em Itália, por Mussolini, e também ao nazismo na Alemanha ou ao Estado Novo em Portugal.



Figura 6 – Nacionalismo da Direita

Nacionalismo de esquerda

Apesar de hoje em dia associarmos o nacionalismo à direita, a verdade é que foi uma invenção da esquerda, começou por ser uma resposta contra a Europa do século XIX que era principalmente imperial. Mais tarde o termo passou a ser mais usado pelas políticas de direita.

O nacionalismo de esquerda define-se por uma forma de nacionalismo apoiada na igualdade social, na soberania popular e na autodeterminação nacional.

Ao contrário do nacionalismo de direita, este favorece uma plataforma racista, não desfavorecendo as minorias. Apesar disso, esta inclui o anti-imperialismo e movimentos de libertação patriarcal.

Afirmam ser necessário a mobilização da sociedade sobre um Estado totalitário de partido único, comandado por um líder forte.

Rejeitam também a globalização e a cooperação económica entre nações defendendo assim uma economia mista e protecionista, visando a autossuficiência do país. A sua ideologia tem carácter ultraconservador e extremista, utilizando muitas vezes a violência como forma de poder.

Alguns dos mais conhecidos movimentos nacionalistas de esquerda foram, em Cuba, o Socialismo de Fidel Castro; com Nelson Mandela o Congresso Patriarcal Africano e na Índia, o Exército Nacional Indiano.



Figura 7 – Congresso Patriarcal Africano e na Índia

Nacionalismo de Donald Trump e dos EUA

A presidência de Donald Trump entre janeiro de 2017 e janeiro de 2021 trouxe muitos conflitos e problemas internos com as suas políticas mais nacionalistas, que fez com que a tensão dos E.U.A com países como a Rússia ou Coreia do Norte aumentasse. Problemas de imigração com o México, problemas de diplomacia com Cuba e a tensão comercial com a China são exemplos de tensões que causam a fragmentação do mundo.



Figura 8 – Tensão no México

Conflitos na Imigração

Durante esta presidência, houve muitas medidas polémicas iniciadas por Donald Trump principalmente na parte da imigração.

Uma dessas medidas foi limitar o fundo de ajuda para jovens imigrantes, os chamados "Dreamers" que ajudava cerca de 800.000 pessoas.

Outra medida polémica foi restringir a imigração de países de maioria muçulmana após intensa batalha judicial, em dezembro de 2017, a Suprema Corte americana liberou a medida. Assim, cidadãos do Irã, Iêmen, Líbia, Síria, Somália e Chade estiveram proibidos de entrar nos Estados Unidos. Pressionado, o presidente Trump assinou um novo decreto, em 20 de junho de 2018, no qual afirma que os menores detidos com seus pais não serão mais separados.

A construção do muro do México foi também uma das medidas mais contestadas. No entanto, o Congresso americano não autorizou o financiamento para esta obra, o que provocou uma intensa disputa entre Congresso dos Deputados e o Presidente.

Apesar de este muro que trazia vários problemas a nível diplomático e político, trouxe também problemas para o mundo, fragmentando-o, este muro ameaça paisagens repletas de diversidade, causa prejuízos á vida selvagem e á vegetação, irá. As propostas em consideração incluem muros que irão atravessar sete áreas de preservação da vida selvagem no Texas, incluindo o Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Baixo Vale do Rio Grande e o Parque Nacional BIG Benda.

EUA e Rússia

As relações com a Rússia foram e ainda são um alvo de preocupação para o mundo, pelas posições contrárias que ambos os países defendem em assuntos internacionais, como por exemplo, o caso mais recente entre o conflito entre a Rússia e a Ucrânia (juntamente com os seus aliados: NATO).

Até o momento, os EUA têm adotado uma postura incisiva contra os movimentos das forças russas. O país tem denunciado continuamente o acúmulo de militares na região da fronteira com a Ucrânia. Autoridades americanas chegaram a dizer que a abertura pública do presidente Vladimir Putin à diplomacia era apenas um disfarce.

Desde o começo da crise, o presidente Joe Biden tem ameaçado constantemente a Rússia com possibilidade de sanções. Funcionários da Casa branca disseram que o governo está no processo de concluir o pacote final que contém “as medidas mais severas”.

Embora a Casa Branca se coloque disposta a resolver o conflito por meio da diplomacia, como disse o secretário de Defesa Lloyd Austin, a posição majoritária do lado americano é a de que os EUA e seus aliados estão prontos caso Putin realmente decida invadir.

Por outro lado, os russos acusam os americanos de alimentarem insistentemente a tensão no Leste Europeu ao dizer que esperam que a Rússia invada a Ucrânia dentro de dias.

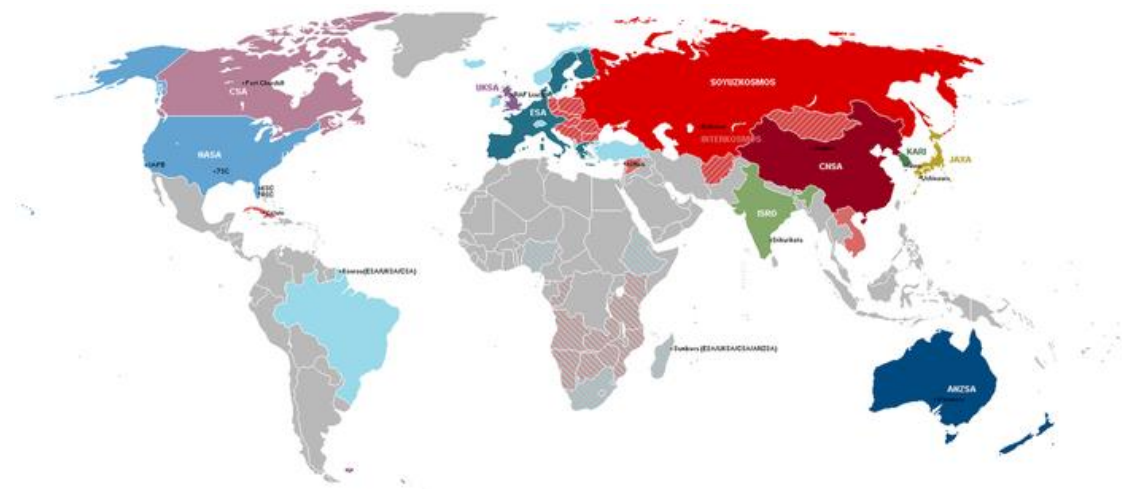


Figura 9 – Várias áreas de ação do conflito

A Ucrânia, autoridades americanas chegaram a dizer que a abertura pública do presidente Vladimir Putin à diplomacia era apenas um disfarce. Desde o começo da crise, o presidente Joe Biden tem ameaçado constantemente a Rússia com possibilidade de sanções.

Desde o começo da crise, o presidente Joe Biden tem ameaçado constantemente a Rússia com possibilidade de sanções. Funcionários da Casa branca disseram que o governo está no processo de concluir o pacote final que contém “as medidas mais severas que já contemplamos contra a Rússia.

EUA têm adotado uma postura incisiva contra os movimentos das forças russas. O país tem denunciado continuamente o acúmulo de militares na região da fronteira com a Ucrânia. Autoridades americanas chegaram a dizer que a abertura pública do presidente Vladimir Putin à diplomacia era apenas um disfarce.

EUA e Coreia do Norte

Estados Unidos e Coreia do Norte reavivaram, em 2017, suas diferenças políticas e militares com alertas de ataques de ambos os lados.

O governo norte-coreano, liderado por Kim Jongue, ameaçou os Estados Unidos verbalmente e dado a conhecer testes com armas como há muito tempo não acontecia.

Em agosto de 2017, Kim Jongue ameaçou a bombardear a ilha de Guam, um território organizado, mas não incorporado aos Estados Unidos, localizada na Micronésia. A ilha possui uma base militar americana com seis mil soldados e aviões bombardeiros

A ilha de Guam, um território organizado, mas não incorporado aos Estados Unidos, localizada na Micronésia. A ilha possui uma base militar americana com seis mil soldados e aviões bombardeiros.

A situação deu uma volta inesperada quando o líder norte-coreano Kim Jongue anunciou que renunciava.

A situação deu uma volta inesperada quando o líder norte-coreano Kim Jongue anunciou que renunciava a fazer testes nucleares. A decisão foi saudada pela comunidade internacional e ambos presidentes se encontraram pela primeira vez na História, em 22 de junho em 2018, em Singapura.

As Guerras da Água

Um aspeto regularmente esquecido sobre o aquecimento global é a disponibilidade hídrica. Que devido ao aquecimento global, poluição e outros variados fatores torna-se menor, havendo assim maior escassez de água. Com maior escassez, as pessoas tornam-se mais agressivas em defender os seus direitos à água, criando assim guerras da água.

Que devido ao aquecimento global, poluição e outros variados fatores torna-se menor, havendo assim maior escassez de água. Com maior escassez, as pessoas tornam-se mais agressivas em defender os seus direitos à água, criando assim guerras da água.

Abastecer as regiões mais carenciadas, já é por si uma tarefa difícil, e que vai ficar cada vez mais difícil.

Abastecer as regiões mais carenciadas, já é por si uma tarefa difícil, e que vai ficar cada vez mais difícil.

Existem pelo menos 17 países que têm o seu sistema hídrico constantemente em ponto de ruptura e sofrem regularmente de secas devido à sua localização geográfica. A geografia não é o único fator que afeta a disponibilidade de água, pois a má infraestrutura, desperdício de água e a poluição afetam essa mesma disponibilidade. Como referido posteriormente, a escassez é amplificada pelo aquecimento global, e o impacto de isso foi sentido na Cidade do Cabo na África do Sul em 2018. A cidade foi obrigada a aplicar o plano Dia Zero que consistia num conjunto de medidas que controlava estritamente o uso de água pela cidade. Caso a situação piore, e a cidade chegue ao Dia Zero, grande parte das fontes de água seriam cortadas.

Existem pelo menos 17 países que têm o seu sistema hídrico constantemente em ponto de ruptura e sofrem regularmente de secas devido à sua localização geográfica. A geografia não é o único fator que afeta a disponibilidade de água, pois a má infraestrutura, desperdício de água e a poluição afetam essa mesma disponibilidade. Como referido posteriormente, a escassez é amplificada pelo aquecimento global, e o impacto de isso foi sentido na Cidade do Cabo na África do Sul em 2018.

Que devido ao aquecimento global, poluição e outros variados fatores torna-se menor, havendo assim maior escassez de água. Com maior escassez, as pessoas tornam-se mais agressivas em defender os seus direitos à água, criando assim guerras da água.

Abastecer as regiões mais carenciadas, já é por si uma tarefa difícil, e que vai ficar cada vez mais difícil.

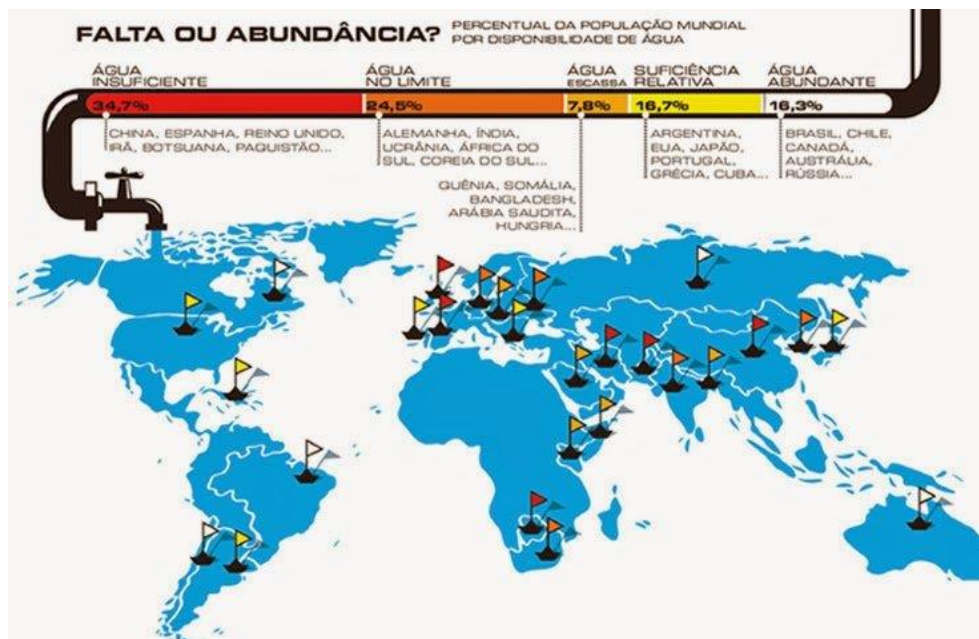


Figura 10 – Disponibilidade de água

As Nações Unidas preveem que em 2025, 2/3 da população mundial irá viver em zonas que sofrem de escassez de água, e que a falta de água poderá deslocar 700 milhões de pessoas. Segundo o Centro Comum de Investigação a chance de conflito transfronteiriço chegará aos 95%. A União Europeia prevê que os rios com maior probabilidade de serem palcos de guerras da água são, o rio Nilo, o rio Ganges, rio Indo, rio Tigre/ Eufrates e o rio Colorado.

As guerras da água podem ser causadas por variados fatores, os mais comuns são a poluição ou por interferência com os níveis de água dessa mesma fonte. Um exemplo desse mesmo conflito devido ao nível da água é a do Egito.

Tensão entre o Egito e Etiópia

O Egito é um dos 9 países que são banhados pelo rio Nilo, e que se encontra em conflito político com vários dos países banhados pelo Nilo, sendo os principais o Sudão e a Etiópia. A Etiópia pretende construir a “Grand Ethiopian Renaissance Dam”, barragem essa que irá ser a maior de África. A barragem encontra-se a 45km da fronteira com Sudão, e fica no Nilo Azul, um dos rios que compõe mais tarde o Nilo. É importante ter em consideração que, apesar do Nilo Azul ser o Nilo com menor distância, em comparação ao Nilo Branco, é

responsável por cerca de 70% do caudal do Nilo. Com a construção da barragem 70% da água fica comprometida devido á capacidade de mais de 60 milhões de litros cúbicos. Com uma capacidade de produção de 6.35 gigawatts, sendo suficiente para abastecer a Etiópia e torná-la num hub energético devido ao alto saldo energético positivo. Isto torna a exportação de energia possível, não só criando crescimento económico na Etiópia, como também reduzindo a deficiência energética presente nos seus países vizinhos, como por exemplo o Sudão.

As guerras da água podem ser causadas por variados fatores, os mais comuns são a poluição ou por interferência com os níveis de água.



Figura 11 – Poluição da água

No entanto o Egito vê esta construção como uma ameaça eminente, que colocaria a sua população de 100 milhões de habitantes em perigo devido a sua dependência histórica do rio Nilo. Com a construção da barragem não só o fornecimento estaria automaticamente reduzido, como o governo egípcio vê o possível controlo da disponibilidade de água por parte da Etiópia como uma ameaça a soberania da nação devido a dependência que criaria, colocando o Egito vulnerável à agenda política etíope. Devido a estes fatores e a rivalidade histórica (Guerra etíope-egípcia) e as falhadas tentativas de negociação, as tensões geopolíticas aumentam, e com o investimento bélico feito por parte destes 2 países, muitos especulam que conflito armado seja inevitável. A construção de barragens e a intervenção humana no trajeto do rio são, mais uma vez, dos principais fatores que levam a uma inflamação das tensões entre o Paquistão e a Índia, adicionando ainda mais tensão a histórica rivalidade destas duas nações.

Tensão entre Índia e Paquistão

Historicamente disputas por recursos hídricos são um dos fatores que leva a conflitos transfronteiriços e as disputas por parte da Índia e do Paquistão sobre a região de Caxemira e os direitos do rio Indo é outro exemplo, que neste caso envolve 2 países com capacidade nuclear. A construção de barragens e a intervenção humana no trajeto do rio são, mais uma vez, dos principais fatores que levam a uma inflamação das tensões entre o Paquistão e a Índia, adicionando ainda mais tensão a histórica rivalidade destas duas nações que possuem o 4º e 2º maiores exércitos mundiais respetivamente. A construção de barragens e a intervenção humana no trajeto do rio são, mais uma vez, dos principais fatores que levam a uma inflamação das tensões entre o Paquistão e a Índia, adicionando ainda mais tensão a histórica rivalidade destas duas nações que possuem o 4º e 2º maiores exércitos mundiais respetivamente.

A insuficiência hídrica também é causa de instabilidade regional, e essa mesma instabilidade poderá levar a queda total de governos.

A insuficiência hídrica também é causa de instabilidade regional, e essa mesma instabilidade poderá levar a queda total de governos, guerra civil e poderá mesmo causar um impacto multinacional, numa espécie de bola de neve.



Figura 12 – Conflito na rua entre pessoas indianas e paquistas

Guerra Civil na Síria

Estudos apontam que apesar de não ser a única, a seca que fustigou a Síria durante 5 anos (2006/11) foi um dos principais fatores que levou a guerra civil, que perdura até hoje. A seca extrema na Síria levou, segundo dados das Nações Unidas, a uma falha geral de grande parte do sistema agrário, e com ele 3/4 das explorações a falharem e a uma queda ainda maior da pecuária, com a consequente morte de cerca de 85% de todo o gado.



Figura 13 – Ruas da Síria destruídas

Devido a estes fatores, um grande movimento de êxodo rural aconteceu. Juntando a escassez de alimento se indisponibilidade hídrica, ao êxodo rural, a crise económica, a primavera árabe, o surgimento de movimentos extremistas (Isis) e outros fatores como tensões geopolíticas internacionais levou a que em 15 de março de 2011, desse início á guerra civil, conflito esse que ainda se encontra no ativo, que deslocou mais de 12 milhões de pessoas e custou a vida a mais de 400 mil pessoas, com estimativas por parte do Observatório Sírio para os Direitos Humanos (S.O.H.R.) a contabilizar perto de 600 mil pessoas mortas por este conflito. Com o conflito ainda a decorrer, não só há pouca água, como o desperdício causado pela destruição e más infraestruturas leva a que, segundo dados do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, 15.5 milhões de sírios não tenham acesso a água potável.

Conflito China, Índia e Bangladesh – Rio Brahmaputra

A China tem planos para construir barragens e desviar as águas do rio para gerar energia o que irá afetar drasticamente o abastecimento de água para a Índia e Bangladesh. A inauguração da primeira central hidroelétrica no Brahmaputra, inquietou as relações entre a China e a Índia, que já não são muito amistosas. Em 2016, os protestos contra a construção de barragens no rio Brahmaputra, no estado indiano de Arunachal Pradesh, ficaram de tal forma violentos, que levaram a duas mortes e ferimentos adicionais. Tanto a China quanto a Índia apresentou planos para quase 150 barragens na região, com grande oposição local. Além disso a China está a trabalhar num projeto ambicioso de construir o túnel mais longo do mundo com 1000km de distância com o intuito de levar água desde o Tibete até ao deserto de Taklamakan em Xi Jiang. Eventualmente a violência toma conta da região, e com ela a base da instabilidade e descontento da população, surgem movimentos que irão aproveitar esse mesmo descontentamento e com isso ganhar apoio popular (movimentos revolucionários, nacionalistas, populistas, fundamentalistas, entre outros).

Conflito Índia e Bangladesh - Rio Ganges

O rio Ganges atravessa vastas áreas urbanas e intensamente povoadas. Isto é um facto relevante, dado que uma boa parte destas povoações dependem das águas do rio, poluindo-o de uma forma catastrófica.

No momento em que a Índia decidiu construir a barragem de Fraca, causou muita tensão em Bangladesh, pois os rios desempenham uma enorme importância económica e causou de imediato discórdia, uma vez que 80% da população se ocupa da criação de gado e agricultura. Eventualmente a violência toma conta da região, e com ela a base da instabilidade e descontento da população, surgem movimentos que irão aproveitar esse mesmo descontentamento e com isso ganhar apoio popular (movimentos revolucionários, nacionalistas, populistas, fundamentalistas, entre outros). É relevante referir que conflitos causados pela indisponibilidade de água não é algo

que acontece só em zonas mais pobres e menos desenvolvidas, pois “mundo desenvolvido” caminha a passos largos para uma indisponibilidade hídrica cada vez maior e com ela o crescimento de tensões entre países vizinhos, mas também dentro desses mesmos países, pois rios como o Rio do Colorado.

Escassez de Água

Este conflito serve de exemplo para previsões como futuras guerras da água poderão ser. A falta de água leva a uma falta de recursos, devido a impossibilidade de criar explorações agrícolas nem a criação de gado, juntamente com isso a falta de água torna o consumo da mesma impossível. Com isso, numa espécie de efeito dominó, a estrutura social enfraquece, com isso a instabilidade política e social torna-se uma ameaça a soberania da nação em questão. Eventualmente a violência toma conta da região, e com ela a base da instabilidade e descontento da população, surgem movimentos que irão aproveitar esse mesmo descontentamento e com isso ganhar apoio popular (movimentos revolucionários, nacionalistas, populistas, fundamentalistas, entre outros). Através desse apoio e instabilidade, um conflito armado poderá inevitavelmente ocorrer, entrando num ciclo de violência onde nenhum dos lados sai vencedor, recursos são usados, infraestruturas são destruídas, e com isso o problema da indisponibilidade hídrica é agravado, levando a possíveis movimentos migratórios; a crises humanitárias e crises económicas, que poderão afetar não só o país em guerra civil como vários dos seus países vizinhos. É relevante referir que conflitos causados pela indisponibilidade de água não é algo que acontece só em zonas mais pobres e menos desenvolvidas, pois “mundo desenvolvido” caminha a passos largos para uma indisponibilidade hídrica cada vez maior e com ela o crescimento de tensões entre países vizinhos mas também dentro desses mesmos países, pois rios como o Rio do Colorado são fontes de água que não só coloca o México em perigo de seca devido ao uso excessivo do seu caudal por parte dos Estados Unidos, próprias cidades dentro dos Estados unidos são afetados pela indisponibilidade hídrica.



Figura 14 – Água e a seca

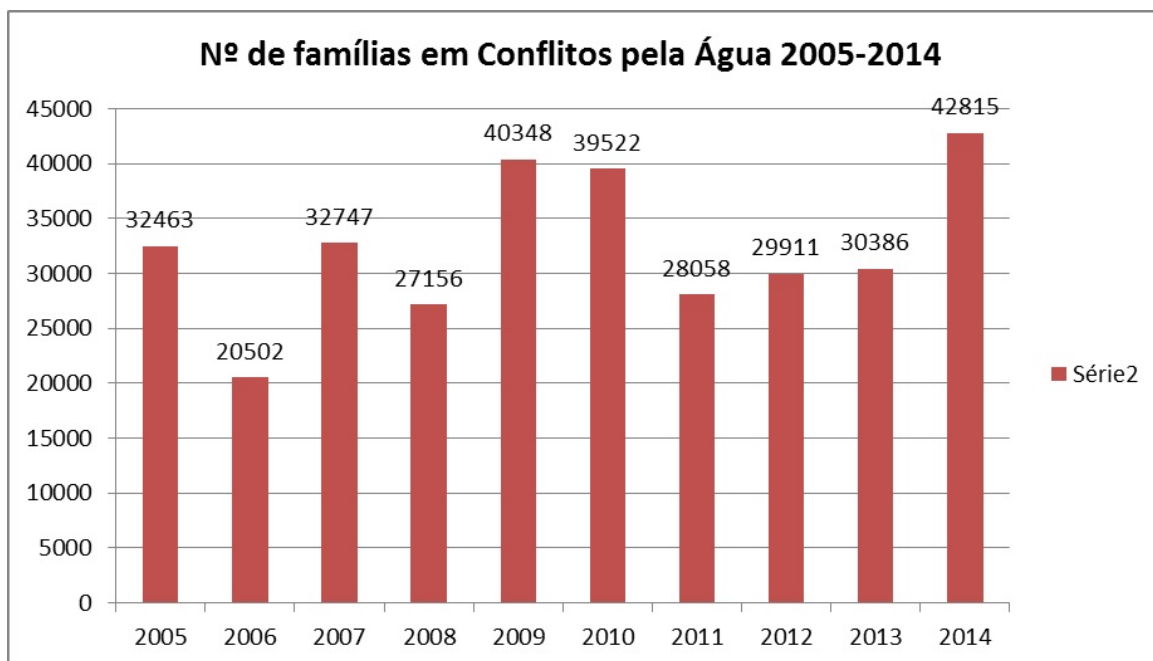
Em suma é necessário tomar medidas, urgentemente, acerca do consumo de água e o seu conseqüente desperdício. Apesar das medidas tomadas pela Cidade do Cabo no plano do Dia Zero, onde os habitantes tinham um limite máximo de consumo de água per capita de 50 litros, terem sido eficazes, é necessário tomar medidas mais abrangentes globalmente, e trabalhar para evitar ao máximo situações extremas como da Síria ou África do Sul. O investimento nas infraestruturas hídricas, o aproveitamento da água ao máximo através de planos de reutilização, substituir a culturas com um consumo de água intensivo por culturas mais sustentáveis, a redução drástica da criação de gado e promover uma cultura de massas que incentive a poupança e uso sustentável de recursos hídricos.

É crucial, promover a cooperação, democracia, o diálogo e a sustentabilidade de forma a poder lutar contra as alterações climática ser esquadrar o recurso precioso que é a água. É fundamental criar organizações e alianças como a OMVS (Organization pour la Mise en Valeur du fleuve Sénégal) que é composta pelos países banhados pelo rio Senegal e que tem o propósito de administrar, através da cooperação e interajuda a água desse mesmo rio de maneira a satisfazer a necessidade de todos os seus membros democraticamente.

Apesar das medidas tomadas pela Cidade do Cabo no plano do Dia Zero, onde os habitantes tinham um limite máximo de consumo de água per capita de 50 litros, terem sido eficazes, é necessário tomar medidas mais abrangentes globalmente, e trabalhar para evitar ao máximo situações extremas como da Síria ou África do Sul. É fulcral na batalha contra a indisponibilidade hídrica,

fomentar implementação de medidas para o uso sustentável dos recursos hídricos.

Tabela 1 – Nº de famílias em Conflitos pela água



Conclusão

Vivemos num mundo fragmentado. Fragmentado por todos os conflitos que temos vindo a assistir, e que separam nações e sociedades, baseados na falta de tolerância, nos extremismos e principalmente, na ignorância. Tanto os nacionalismos como os fundamentalismos surgiram quando a sociedade estava mal, farta da maneira como vivia, como vimos na Alemanha com Hitler, ou através de ideais impostos na cabeça das pessoas que muitas vezes procuram algo em que acreditar ou um escape na sua vida, como nos fundamentalismos religiosos, porém, tanto numa razão como noutra, ambas se baseiam nos seus líderes aproveitarem-se das fragilidades e ignorância dos seus povos para ganharem poder, sem olhar a meios.

As guerras da água, são outra fonte de grandes tensões, por ser um bem tão essencial, causa tantos conflitos entre nações, situações como a tensão Egito e Etiópia ou a Índia e o Paquistão, são problemas que, a nosso ver, se poderiam resolver a nível diplomático, se houvesse mais a compreensão de ambas as partes.

É por isso que o fomento da democracia é crucial para a estabilidade e segurança internacionais. A ONU tem um papel fulcral em conservar a paz através das suas intervenções económicas e militares, inclusive com os capacetes azuis.

Como grupo, partilhamos uma opinião similar. Nós, consideramos que é fundamental preservar a democracia, e isso só pode ser atingido através da educação e da luta contra a desinformação. É importante, segundo o nosso ponto de vista, compreender e lutar contra os movimentos populistas, pois esses mesmos baseiam-se na desinformação e é através desse fator que os conflitos e tensões regionais e internacionais são gerados.

Para finalizar, gostaríamos de promover a diplomacia e o diálogo, porque só através destes, consideramos ser possível promover a estabilidade mundial, pois está comprovado que conflitos armados só geram mais instabilidade.